



## Uma família judia I

**Juliano Klevanskis\***

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil

literatices@yahoo.com.br

Em 1795, a Rússia dos Czares anexa a Lituânia. Com o notório antissemitismo czarista e a perseguição e o extermínio de judeus nos *pogroms*, muitos deixaram a região no final do século XIX. Foi isso o que aconteceu a Benjamin.

Na escola de Piotri a professora ensina uma música: “A escola dos lituaninhos”:

Piotr, vamos levantar!/Corre com tua bolsa/ Porque todos os lituaninhos/ Já vão para a escola/ Dona Vilna é a mestra,/ Na lição que dá se aprende/ E escreve no quadro em lituano/ O que é uma vida bem cristã/ Mas uma brisa bem delicada / Serve ali como mensageiro/ Soprando, trouxe o forasteiro judeu/ E também lembranças fraternais!

Piotri passa pela relojoaria do pai de Benjamin. Por um instante para. Ao ver Benjamin, pergunta-lhe: — A que horas você sai do trabalho?

Ele permanece em silêncio e logo responde: — Às dezessete.

A alguns metros, o relojoeiro, que é um homem muito bom, pega um relógio e entrega a um cliente. Voltando-se para Piotri, diz: “— Leve. Aqui está um relógio, do meu mostrador. Aqui estão pintados os números de um a doze, em algarismos romanos.

— Obrigado. Benjamin, nós nos vemos por aí.

Após uma semana, os dois amigos andam pela região do lago. O pequeno passeio se estende por duas horas, terminando em frente às torres de uma igreja.

— Vamos até ali?

— Já compreendi, você é preguiçoso, disse Piotri.

Ele não percebe o receio de Benjamin em ser maltratado por alguém por estar naquela parte da cidade onde judeus não costumam frequentar, sobretudo, sozinhos.

---

\* Doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.



— Eu me lembrei de que tenho que ir...

Outra vez, caminham, falantes, até o cemitério. Cemitérios são locais onde o passado tem mais peso do que o presente, principalmente os judaicos, que na Lituânia, estão perdidos no espaço longe da origem, desempenhando um papel em uma história inóspita.

Antes de se encontrarem, Benjamin viu passar um carro levando homens com capuzes na cabeça e conversando. Surgiu entre eles um mais alto e forte. Os outros começaram a dizer palavras a Benjamin, olhando-o com desdém. Para sua surpresa, o homem forte os reprimiu, apenas olhando de soslaio. Ele possuía melhor aparência dentre todos.

Quando Piotri chega, senta-se no banco ao lado de Benjamin e pergunta:

— Então, o senhor é o judeu mais simpático de todos... qual é o segredo?

Ele imediatamente responde: — Meus pais acham que eu sou liberal. Faço planos para sair desse país, um dia. Mas não para voltar a Israel, digo, ir. A situação pode me forçar a partir a qualquer momento.

— Mas isso é uma ideia sua ou de todos os judeus?

— A minha parte do problema é cuidar de mim e de minha família.

Piotri se sente satisfeito com a resposta. Eles se respeitam e se conhecem desde a infância. Os dois possuem uma percepção diferente em relação a Lituânia e ao futuro e se veem de forma muito distinta diante dele. A família de Piotri serve ao governo com uma lealdade incomensurável e se distingue entre as pessoas. O pai de Benjamin já está velho. Ocupa-se com a loja, atarefa-se e preserva-se de conflitos políticos ou burocráticos. Benjamin já sente maior desejo de viajar e se ocupa em relações descompromissadas com belas mulheres cristãs, solteiras. Os mais velhos rejeitam esse tipo de comportamento. Então mantêm essas “saídas” em segredo.

Mas, nesta tarde, não há mulheres no parque. Pelo menos à disposição de um efêmero flerte. Cada qual retoma o seu caminho...

— Meus pais defendem que nós, judeus, temos a responsabilidade de manter as tradições talmúdicas. E também de cultivar a identidade de Israel.

— E qual é a essência desta identidade? Piotri continua: — Já o meu pai diz que devemos servir a Deus e ao Estado. Mas eu acredito que há dois tipos de funcionários: os oficiais e os peões. Os bispos, os reis, as rainhas abdicam de serviços e abstêm-se de obrigações. Como num jogo de xadrez.

— Sim! E continua com empolgação: — Os peões têm a infeliz qualidade de se mover de quadrado em quadrado.



— É, eles realmente não podem se mover à maneira dos oficiais.

Piotri aponta para dois homens mais velhos na rua. Eles são oficiais aposentados, o símbolo do velho poder. É inevitável uma revolução na sociedade.

Alguns anos depois, no inverno rigoroso do Báltico, o cavalo se aproxima da cidade de Utena. O sol sempre está longe, atrás da paisagem. Em Utena, as luzes do sol refletem-se em centenas de telhados e janelas. Por um momento, pai e filho emudecem-se. As cidades de Utena e Panavezys se parecem tanto quanto os seus respectivos habitantes. É reconfortante que o lugar para onde vão tem a importância significativa de um casamento. Homens e mulheres que ali esperam, junto às casas, iniciarão um elo familiar mais forte do que meramente ser parte do mesmo povo.

Exclamaram-se palavras de boas-vindas. Avisaram-se a todos a sua chegada. Pessoas ofereceram gentilezas e solícitamente os ajudaram a descer e descarregar os poucos pertences.

Benjamin tinha uma pressa louca para que tudo aquilo terminasse logo e pudesse levar para Panavezys, de carroça, a recém-casada esposa, onde poderiam viver suas próprias vidas. Lá teria uma pequena casa, longe do rio, uma única sala e quarto, com um poltrona velha e estofada em couro, duas pequenas janelas que dão para a rua e para a sinagoga.

Comidas e bebidas eram os cumprimentos da família dela; e flores, cestas de frutas. A família dele era mais alegre e festiva; a dela, mais sorridente, sincera e gentil. Muitos agradecimentos, entusiasmadamente... O casamento de Benjamin e Liba foi assim.

A família dele e os recém-casados, assim, voltavam à sua cidade. Liba estava cheia de expectativa, enquanto percorria o trajeto. Estava frio. Por alguns meses, não haverá muitas horas de sol nas paisagens lituanas... À noite, o clima não permite mais do que poucos momentos desabrigados.

Acordada, à noite, enquanto todos dormiam, ela se lembrava de sua cidade natal e dos seus parentes que ainda dormiam.

Depois das festas, as mulheres limpam tudo. Algumas ansiosas para terminar, outras menos afoitas; todas marcadas pela mesma obrigação.

Mas foi um dia diferente. Preparou um café da manhã para o esposo. E o almoço e o jantar. Em Panavezys, havia também carrinhos, com pães e frutas, passando de um lado a outro das ruas principais, aos poucos menos frias com o avançar dos dias. Ela arrumava o cabelo, cobria-o com um pano, e todos os fins manhas frias passeava com a senhora Chaya, sua sogra. Ao voltar, abria a janela



para entrar uma luz vaga, como era também em Utena. Ela já se sentia segura e aos poucos a felicidade crescia. Estava ao lado do homem que amaria e lhe daria filhos.

Benjamin veste seu casaco sempre com o lado esquerdo sobre o direito – à maneira tradicional, pois entende que a benevolência sobrepuja a justiça. O judeu lituano é caracteristicamente marcado pelo estudo do Talmude. É considerado altamente intelectual. A Lituânia é o coração da oposição ao Chassidismo. Embora em menor número que os *chassidim*, os tradicionalistas lituanos acreditam que seu judaísmo rabínico é original e autêntico. Diferenças entre os grupos crescem à medida que a percepção popular "lituano" e "contrários aos *chassidim*" torna-se virtualmente intercambiável.

Na adolescência, Benjamin estudou na Yeshivá Panavezys. Mas alguns também estudaram em outras instituições de ensino judaico, dentre elas a mais famosa entre todas as *yeshivót* europeias: Valozhyn. Os lituanos, tradicionalmente, seguem o livro *Shulchan Haruch*, em oposição ao *Mishná Berurah*, considerado mais analítico e acessível.

Assim, Benjamin costuma ler o *Shulchan Aruch*, mas seu irmão mais novo, Yehuda, aparece com o livro *Mishnah Berurah*. Benjamin fica completamente sozinho na sinagoga nesse dia. Yehuda decide visitar a família. Benjamin, no entanto, está disposto a ler o proibido *Mishnah Berurah*.

Todos os rabinos e alunos guardam seus livros e desaparecem. Benjamin abre uma página e, como de costume, se balança durante a leitura. Ele é menos intelectual que o irmão e também que outros colegas. Essa diferença foi evidenciada quando o chamaram de irracional, sem educação e o compararam aos judeus da Galícia.

Aquele livro religioso é sem dúvida mais emocional e espontâneo do que ao que ele está habituado. Os *chassídicos* parecem se diferenciar, enormemente, em suas atitudes.

Benjamin baixa o livro e caminha de um lado para o outro pela pequena sala da sinagoga, admirando-se ao descobrir que havia outro tipo de judaísmo, a não muitos quilômetros, em que era permitido fumar. Para os lituanos o tabaco é considerado uma degeneração pessoal. Mas, para os *chassidim*, a fumaça tem uma conotação espiritual cabalística. Distraído, deixa seu pensamento repousar na Polônia e na Ucrânia, onde o número de *chassidim* aumenta. Ele mistura as línguas lituana e ídiche: — Aqueles *chassidim*, *l'basoif*, causam muito *nezek*.

Devido à pesada divergência entre os grupos, todos da *yeshivá* de Benjamin entendem que os *chassidim* fizeram muitos estragos no judaísmo. Assim, um



grupo é negligente com o outro. Ele está confuso: “— *Moideh, soimech, eruv kosher*. Sempre contaremos com o rabino...

Na noite de sábado, foi servido o *gefilte fish*. Para sua família, observadores religiosos – bem como para praticamente todas as comunidades do Leste Europeu – o peixe recheado tornou-se um alimento tradicional de sábado para se evitar a separação dos ossos do peixe, ato proibido no sábado. Essas comunidades acreditam que, como os peixes estão submersos enquanto vivos, não são sujeitos ao mau olhado; assim, um prato preparado a partir de diversas variedades de peixes traria boa sorte.

Benjamin pensa em uma das últimas conversas com o pai, ao final do outono, pouco antes da mudança para o casebre junto ao rio Nevezis. Benjamin se casou com Liba, em uma cerimônia um tanto alegre e *Kosher*. Ele trabalha como sapateiro há um ano; mas nem a rotina do trabalho no qual está envolvido ou todas as rezas diárias – matutinas, vespertinas e noturnas – tiram-lhe o sonho de conhecer outros lugares, como a América do Norte ou a Argentina. Ele se imagina vagando em uma praia tropical, a riqueza combinada de sol quente e forte, vento e ondas do mar. Eis um tema que insinua à esposa: “— Poderíamos sair da Lituânia...”

O que Liba escuta aos sustos e retribui: — Para onde, Ben? Ele, como se estivesse prevendo a desarmonia contundente que aconteceria aos judeus do Leste Europeu – os pogroms – por fim, cordialmente, termina o assunto com um sorriso.

Ali, na sala de estudos, junto à janela, Benjamin olha para fora. A vizinhança encontra-se vazia. Em um banco, onde durante o *shabat* muitos se sentavam noite a dentro, o vazio. Agora ele veste um paletó, de corte francês, pálido, simples e distinto. Ainda na vizinhança, a folhagem é densa e cheia, as árvores parecem viver o ápice da primavera – como seria de se esperar em uma noite de maio.

A porta se abre, Benjamin vê entrar Chaim, seu sogro, usando um sobretudo preto, à moda *ashkenazi*. Apenas quando ele sorri é que Benjamin se sente mais aliviado, uma espécie de receio pela possibilidade de Liba ter revelado ao pai o desejo da viagem... Benjamin e Chaim permanecem atrás da mesa larga, onde se conservam os livros da biblioteca. Lá fora as copas das árvores são densas, o que umedece um pouco o ar do ambiente interno. O brilho da primavera irradia energia por todo o recinto.

Após a leitura no serviço religioso, eles saem da sinagoga. A pé eles caminham juntos até suas respectivas casas. A rua é um pouco íngreme, passa pelo rio, onde há alguns cristãos que os olham com natural frieza. São muitos os judeus



que vivem naquela cidade, só uns poucos participam do convívio diário com os não judeus. Benjamin pensa com algum desestímulo em anunciar seu desejo de ir a outro continente. Ele se sente entediado em Panavezys e decide contar ao sogro: — Não é estranho? Disse. — Vivemos tanto tempo numa terra em que não sentem nada por nós, judeus, além da frieza e do ódio.

— É mesmo? Pergunta Chaim. Este é o país em que seus antepassados viveram.

— E o que sente quando o senhor ouve as palavras *Eretz Israel* sendo pronunciadas?

Chaim responde: — Nunca devemos esquecer, Ben, que os nossos antepassados saíram da Palestina. O senhor deveria se preocupar as orações diárias. *Shemá Yisrael. Baruch shem kevod malchutô leolam vaed.*

Benjamin sacudiu a cabeça, incomodado.

— O senhor acha que estou desrespeitando a religião? Nem de longe deixo minhas obrigações litúrgicas!

— Estou me referindo ao livro que estava lendo.

— Ora, é apenas o *Mishnah Berurah*.

No dia seguinte, está ele, na sinagoga, sentado e com os pensamentos o conduzindo à América do Norte ou do Sul. E também para dentro de seu próprio povo, enquanto tenta manter discrição na reza.

O rabino olha a todos os presentes, parando o olhar em Benjamin, e termina dizendo: — O *Midrash* traz a explicação de Rav Assi. Um fato é comparado a uma pessoa que esteve no palácio do rei, trouxe de lá uma joia de muito valor e presenteou sua esposa dizendo-lhe que a usasse somente em casa e não em público.

Logo todos recitam: — E amarás a Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todos os teus bens.

O rabino continua: — O grande sábio Maharal de Praga viu nos termos citados na oração, uma ligação com as três orações diárias obrigatórias, a da manhã, a da tarde e a da noite. Os horários das orações foram instituídos pelos nossos patriarcas. Avraham instituiu a oração da manhã, conforme consta na Torá: *vayashkem Avraham babôker*. Yitschac instituiu a oração da tarde, conforme consta: *vayetsê Yitschac lassuach bassadê*. E Yaacov instituiu a oração da noite: *vayálen sham ki bá hashêmesh*".

O pensamento de Benjamin está longe. Ele sente a necessidade de viajar. Porém, retoma ao serviço de orações e encontra ânimo para cumprimentar cada um dos presentes, com toda a sinceridade. Ele quer conhecer outros lugares. O tempo



todo está tentando ser discreto nas ruas em relação aos cristãos, e em casa em relação aos seus, pois sabe que existem lugares bem diferentes a conhecer.

— Onde poderei encontrar a paz? Pensa, cabisbaixo.

Benjamin faz a sesta, como estava acostumado a fazer no verão lituano. Mas, nessa ocasião, e pela primeira vez depois de tanto viajar e perambular em locais onde falam uma língua tão estranha e tão distinta do russo e do ídiche... Já há seis dias que está no Brasil, mas agora pode realmente descansar, depois de atravessar o oceano.

Ele atravessa algumas ruas de Porto Alegre carregando o peso nas costas. Lá fora o calor e o zumbido de moscas como se estivesse na floresta. Os braços estão cansados e as mãos empoeiradas.

Um cachorro vira-lata adormece na rua, à sombra de uma árvore. Mexe as patas, como se estivesse tendo um pesadelo, estica-as e volta gradualmente à posição inicial. O sono é profundo. Ele fecha os olhos, escuta alguns sons e dorme. Os campos da Lituânia estão tão longínquos, aquela realidade agora é o passado. Face ao novo lugar, Benjamin será pioneiro, trará a esposa e constituirá uma família longe dos problemas e das perseguições na Europa.

Os campos de erva-mate ainda lhe são estranhos. Ele está sedento, um pouco empoeirado e solitário como o cachorro na rua. A comida que lhe chega à boca não é das melhores, o quarto onde fica está perto do porto, onde o movimento de migrantes é intenso. Cada barco é uma tempestade e os raios são pessoas com malas e esperanças...

Ele fala pouco. Dificilmente faria amizade por não dominar o português. Entendia pouco. Silenciado, os dias passam. Uma noite vai até o hospital à procura de um conterrâneo com quem viajava, mas não o encontrara. Está falecido há mais de dois dias por febre ou malária. Lá, explicam-lhe que há uma doença nova, mas ele não consegue entender o que é.

O ar está esfriando a cada dia e ele agora está já há algumas semanas sem conseguir trabalho, pois está fraco para realizar atividades braçais. Ele precisa de dinheiro para o querosene e para os alimentos. Há um depósito de mantimentos, porém ele precisa ainda abrir um negócio. Poderia abrir uma loja de sapatos e fazer consertos.

A noite estaria fria e úmida, mas ele teria a certeza de que o inverno em Porto Alegre não seria comparado ao da Lituânia. No entanto, a tuberculose, que contraíra antes da viagem, não dá folga.

O céu no novo país é bonito e reluzente, as estrelas brilham mais que em sua terra natal, eram fortes. Mas suas noites são amedrontadas pela incerteza do



amanhã. Na Europa, deixara mulher e filhos. Ele quer trazê-los de lá. Ele quer contar coisas, contudo, pelas cartas poderia amedrontar também a família. Faz longas caminhadas pela praia por um caminho que já se acostumara. Casas coloniais, cor de areia. Odor de porto.

No depósito, passa a comprar algumas coisas que necessitava, mas não tudo. E assim enche a panela e faz a refeição da manhã, sempre com muita massa, muita gordura e muito café. Alguns latinos o olham de lado, parece-lhes tcheco ou russo. Meu bisavô lhes retorna um aceno bom, que não compreendem bem.

A data da viagem de volta à Lituânia está marcada. — Então, como estarão os meus familiares? Só pensa neles. Um gigante emotivo por dentro. Tosse muito ainda, parece ter melhorado, todavia está só piorando. Há pus ou sangue no escarro após a tosse.

A volta à casa parece mais difícil nessa noite. O lenço, de repente, está pingando sangue. De longe, o veem cair no chão, tossindo e cheirando a charuto. Seguram-lhe a ponta do casaco e o levam para um hospital. Suas roupas estão sujas e cheias de objetos estranhos: um *kipá*, um pequeno *sidur* e o *talit*.

Ele estava voltando da pequena sinagoga que os imigrantes criaram embaixo da loja de tecidos do outro lado da cidade. Ninguém por ali o conhecia de verdade.

Na década de 1910, Benjamin foi enterrado. Segundo relatos da comunidade judaica de Porto Alegre, ele contraiu tuberculose antes de voltar à Lituânia para buscar a esposa e os filhos.

A primavera sempre retorna a Lituânia. Escutam-se sinos de igrejas, repicando nos mercados. As árvores recebem o sol e depositam a sombra no chão. Mas nunca mais Benjamin passaria para examinar a beleza.

-----

Recebido em: 10/06/2018.

Aprovado em: 10/08/2018.